

CRÔNICAS

O DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA NOTICIA E HOMENAGEIA

A Revista **Reflexão** registra em sua história (de 5 anos) uma honra: a de ter contado, como seu co-fundador, com o professor Dr. Antonio Joaquim Severino. Assim, quer, esta publicação do Instituto de Filosofia e Teologia da PUCC, noticiar o fato de haver sido, o Dr. Severino, empossado no cargo de Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos da PUC de São Paulo, tendo lá mesmo realizado brilhante trabalho na Diretoria do Centro de Educação, até o final de 1980.

Mais que noticiar simplesmente, o Instituto de Filosofia e Teologia da PUC-Campinas, deseja homenagear o Dr. Antonio Joaquim Severino, considerando que um cargo de tão decisiva importância só se coloca sob os cuidados de pessoa à altura, credenciada profissional e humanamente para o difícil exercício.

Seja, esta breve homenagem, um depoimento.

Ao longo dos seis anos durante os quais o Dr. Severino colabora com o Instituto de Filosofia e Teologia da PUC-Campinas, nunca foi possível a quem quer que seja apontar, no profissional em tela, um intencional deslize humano ou ato de menor competência profissional. Durante o tempo em que coordenou o Curso de Mestrado e seu Departamento, seu trabalho muito fez distinguir-se a presença do Departamento de Filosofia no contexto geral da Universidade. Ainda temos conosco o Professor Severino, regendo cadeira no Curso de Pós-Graduação e prestando transitória contribuição à Coordenação de seu Departamento.

Porque tivemos no Dr. Antonio Joaquim Severino um Coordenador inapontável, porque nele vimos sempre um Professor que dá nobreza a seus encargos e funções, mais ainda, porque nele pudemos ter — em difícil momento pelo qual atravessava o Instituto de Filosofia e Teologia desta PUCC — a solidariedade espontânea e incondicional do cristão, por todas estas razões que dignificam um "operário do edifício educacional", vimos de público prestar ao colega e grande amigo a nossa mais sincera HOMENAGEM.

*

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ÉTICA

De 22 a 26 de setembro de 1980, realizou-se, no Rio de Janeiro, um Simpósio Internacional de Ética, promovido pela Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, Nova Spes, Centro D. Vital, Universidade do Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho. Temas debatidos: "O Homem, quem é ele verdadeiramente?" (Conferencista: Thomas de Konnick, da Universidade de Laval); "Ética e Cibernética" (Paul Simon, Universidade Gama Filho e Universidade Federal Fluminense); "Ética e Economia" (João Paulo de Almeida Magalhães, Universidade Federal do Rio de Janeiro); "Ética no Pensamento Brasileiro" (Antonio Paim, Universidade Gama Filho); "Ética e Sociedade" (Vicente de Paula Barreto, Faculdades Cândido Mendes); "Ética e Psicoterapia" (Boris Luban — Plozza, Centro Balint — Suíça); "Motivação do Ato Moral" (Josef Leifert, Universidade de Dallas — EUA); "Ética e Ciência" (Thomas Cullen, Universidade de New York); "Ética e Psicanálise" (Creusa Capalbo, Universidade Gama Filho e Universidade do Rio de Janeiro); "Ética, Cultura e Religião" (Battista Mondin, Universidade Urbaniana — Roma); "Ética da Esperança" (Tarcísio M. Padilha, UERJ e Universidade Gama Filho); "Ética e Direito" (Caio Tácito, UERJ); "Ética e Medicina" (Ney Affonso Videira

Pires, Universidade Católica Portuguesa); "Ética e Metafísica" (Jean-Luc Marion, Universidade de Paris); "Ética e Valor" (Suzete Silva, UGF); "Ética e Direitos Humanos" (Vamireh Chacon, Universidade de Brasília); "Ética e Meios de Comunicação" (Christian Chabanis, Dir. "Famille Chétienne" — Paris); "Ética e Explosão Demográfica" (Estevão Bettencourt, Universidade Santa Úrsula); "Ética e Biologia" (Hanns L. Lippmann, UERJ, UGF); "Ética e História" (Pedro Freire Ribeiro, UERJ); "Ética e Educação" (Newton Sucupira, UFRJ e Fundação Getúlio Vargas); "Situação da Ética na Filosofia Contemporânea" (Jean Brun, Universidade de Dijon).

Representou o Instituto de Filosofia e Teologia da PUCC a professora Constança Marcondes César, debatedora convidada.

NOTAS

QUE UNIVERSIDADE É ESTA ?

A ser efetivamente uma universidade, a UFRJ tem-se conformado com a ambição menor de congregar, lado a lado, diversos cursos; a integração necessária entre as áreas do saber não é, ainda, uma realidade em nosso meio acadêmico, apesar de todo o palavrório oficial vir vazado num discurso que propõe objetivar tal fim.

O isolamento em nossa Universidade inviabiliza a concretização da interdisciplinaridade das ciências, tão própria do conhecimento contemporâneo.

Tal fato traz prejuízos graves em duas perspectivas diversas: primeiramente temos que admitir as perdas consideráveis no campo das pesquisas científico-positivas enquanto estas permanecem isoladas e confinadas em seus "habitats" de realização. Referimo-nos às ciências da natureza quando não dialogam entre si, e, sobretudo, às ciências ditas culturais, tais como História, Sociologia, Economia, Direito, entre outras, quando seus resultados não se abrem para a busca interdisciplinar de seu objeto, que, em última instância, é sempre o mesmo-a realidade do homem.

O segundo aspecto negativo do isolamento, a que nos estamos referindo, diz respeito à desvinculação da pesquisa científico-positiva, da Filosofia. Neste caso, as conseqüências são duplamente danosas: além da falta do indispensável questionamento da fundamentação epistemológica das diversas ciências, temos a perda do sentido mesmo do saber para o homem.

Qual o sentido de uma ciência se esta não for referida a um valor ético e se não responder a um desafio social e humano? Como dimensionar o resultado de uma pesquisa sem interpelá-la, passo a passo, pelo seu significado para o homem e para a sociedade?

Os resultados da pesquisa científica, ou respondem a necessidades humanas criticamente postuladas, ou são absolutamente inúteis, senão maléficos.

Mesmo num país como o nosso onde as urgências e dificuldades da vida cotidiana ainda são as batalhas diárias e sofridas da grande maioria, e onde a Universidade deve estar empenhada em minorar estas aflições sociais, a Filosofia, longe de ser um luxo supérfluo como querem alguns, ao contrário, é, antes, uma necessidade premente. Será, sem dúvida, através dela que poderemos ter a compreensão mais profunda do homem brasileiro e do momento sócio-cultural, econômico e político em que vivemos. A Sociologia do Conhecimento, área de investigação de caráter filosófico, a Antropologia Filosófica, a Ética, a Filosofia da Ciência, as Epistemologias Regionais, apenas para lembrar algumas áreas de questionamento, precisam habitar os laboratórios de pesquisa e, sobretudo, as preocupações dos cientistas.

Se isto não se verificar, estaremos correndo o risco de gastar o melhor de nosso esforço para nada, ou, que é pior, estaremos andando sem saber para onde e

para quê ou para quem. A filosofia compreendida como exercício de reflexão crítica visando à transformação do homem e da sociedade é elemento fundamental para o desenvolvimento responsável da ciência. Aqueles que a vêem como conhecimento desnecessário e puramente ornamental, ou não sabem o que é a Filosofia, ou, a negam, procurando inibir a capacidade crítica do homem visando a manipular, com mais facilidade, sua consciência.

Assim, enquanto as diversas áreas do Saber não estiverem efetivamente integradas em nossa Universidade e enquanto a Filosofia continuar relegada ao ostracismo em que se encontra confinada aos muros de seu Instituto, que, até geograficamente, está isolada de todo o Campus, nós da pós-graduação, deveremos, de maneira questionadora, perguntar que Universidade é esta? (JORNAL DA PÓS-GRADUAÇÃO, UFRJ, Março, 1980.)

RESENHA

ANTONIO GRAMSCI
LITERATURA E VIDA NACIONAL
 Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

I — INTRODUÇÃO

Literatura e Vida Nacional é uma obra que se divide em duas grandes partes: "Cadernos do Cárcere" e "Crônicas Teatrais". Na primeira parte, o autor discute a literatura popular na Itália, que não se identificando às expectativas e questões populares, não chega a se constituir numa literatura nacional-popular italiana. Faz isso traçando as relações entre arte e cultura e discorrendo sobre problemas de análise e produção literária.

Segundo o autor, a crítica literária deve ser levada a cabo numa perspectiva dialética, pois só assim permite ao crítico, perceber que a obra de arte é a expressão de uma experiência cultural, movimento incessante entre forma e conteúdo e não, como pretendem os idealistas, um produto estético que pode ser classificado, segundo sua funcionalidade, em obras de arte funcionais (por ex. a arquitetura) e obras sem utilidade prática (por ex. a literatura). Para Gramsci esta dicotomia não é válida e revela uma espécie de cegueira histórica, uma vez que só se pode entender o critério de funcionalidade como algo histórico, cultural e político.

Na segunda parte, encontramos um conjunto de crônicas sobre montagens teatrais e sua função social o que, dá continuidade à preocupação básica do texto: a necessidade de um compromisso da obra artística com uma concepção de vida do povo, para que ela seja realmente popular.

Segundo Carlos Nelson Coutinho, que faz a apresentação da obra, Gramsci pretende, em seu conjunto de trabalhos, mostrar o compromisso orgânico do intelectual, no seu trabalho produtivo, com as aspirações e concepção de mundo das classes e grupos sociais, o que faz do seu trabalho não um trabalho neutro, com uma preocupação puramente estética, mas que o reveste de um caráter político.

Ainda no corpo deste texto nós encontramos algumas reflexões do autor de cunho propriamente lingüístico, relativas à língua e à gramática. O autor pri-

vilegia a fala sobre a escrita, pois é na dimensão da fala que encontramos o vínculo entre a língua e o povo, ligação necessária para uma literatura nacional-popular. Quanto à gramática, estabelece a distinção entre gramática espontânea e gramática normativa. Esta surgindo pela repressão e censura, estabelecendo o certo e o correto segundo as perspectivas da classe dominante e aquela surgindo pelo consenso.

II — LITERATURA, CULTURA E SOCIEDADE

Gramsci nos apresenta neste trabalho uma questão que é a sua preocupação fundamental: Por que não existe na Itália, uma literatura expressiva dos anseios coletivos do povo, que se transforme numa literatura nacional-popular ?

O autor recusa violentamente a idéia de que se vive um momento histórico desestruturado e que, portanto, não se tem mais capacidade de constituir uma época, alimento de criação artística. Alega que o romantismo, a inspiração tem sua origem nas contradições e crises do momento histórico e não na sua homogeneidade e que a literatura deve ser um material transparente, através do qual desvendamos o ambiente cultural e o quadro das lutas sociais em jogo.

No campo das artes, a literatura, por se servir da linguagem verbal, é uma manifestação privilegiada, porque a língua é o instrumento de análise e reprodução da experiência do povo, instrumento de sua produção cultural e, assim, permite uma identificação maior entre povo e literatura. Embora a literatura se expresse numa linguagem identificada à linguagem usada pelo homem, durante o processo de comunicação do dia-a-dia, ela circula numa linguagem própria: ou a literatura é produzida numa linguagem adequada às elites culturais, numa "linguagem padrão", distante das multidões, ou ela é expressiva de conteúdos morais e culturais aderentes à cultura nacional. Quando a literatura corresponde aos anseios da classe dominante ou da elite cultural, ela apenas flutua sobre a grande massa e por ela é ignorada. Quando a literatura pretende ser nacional-popular, deve manifestar o povo e voltar-se para ele, identificando-se à sua concepção de homem e mundo.

Segundo Gramsci, a inexistência na Itália de escritores voltados para o povo, permite fazer duas constatações:

- 1) A literatura popular que circula na Itália é estrangeira.
- 2) O romance italiano não consegue expressar-se em termos nação-povo.

Para a primeira constatação, Gramsci tem algumas considerações relativas a uma identificação maior do povo italiano com a literatura estrangeira, uma vez que esta parece expressar mais os sentimentos populares. Estes por sua vez não estão presentes na literatura italiana, porque os intelectuais não vêem a conexão existente entre as lutas políticas, os problemas sociais relativos à língua, a religião, a falta de unidade nacional etc. Seus trabalhos, ou dirigem-se a pequenos e restritos grupos de intelectuais ou se transformam em algo inútil e formal, expressivo de sentimentos individuais. O povo italiano parece sentir-se mais unido aos intelectuais estrangeiros, pois, na Itália, os intelectuais não saem do povo, não o conhecem e a ele não se articulam.

Para a segunda constatação, Gramsci faz uma menção à pressão da Igreja Católica em favor da universalidade da cultura italiana, o que concorre para a desarticulação povo-literatura.

Em resumo, Gramsci denuncia o caráter elitista da produção intelectual e o seu afastamento das camadas populares e propõe que para ser popular, de uma literatura

“requer-se um determinado conteúdo intelectual e moral que seja a expressão elaborada e completa das aspirações mais profundas de um determinado público, isto é, da nação-povo numa certa fase de seu desenvolvimento histórico.” (p. 90)

III – CONSIDERAÇÕES

A nós brasileiros não devem causar espanto as colocações de Gramsci, pois elas apontam para uma realidade em termos de produção intelectual e mais especificamente literária, não muito distinta da nossa. Os estudos de arte literária, no Brasil, revelam preocupações relativas à pobreza da nossa produção literária, na época atual. Em recente entrevista concedida à Revista Veja (nº 524 – set/78), o crítico e professor Wilson Martins (atual professor de literatura brasileira nos Estados Unidos) analisa o quadro da produção literária no Brasil e aponta o seguinte problema: O Romance brasileiro está passando por uma fase de pobreza criadora, e dentre os gêneros literários, este é o que tem maior tendência ao popular.

Quais seriam as causas desse empobrecimento ?

Várias explicações têm sido dadas¹ “Depois de um período de intensa criação, o romance estaria passando por uma fase de hibernação, até surgirem novas fórmulas” — esta é uma explicação cíclica da qual se serviam os historiadores antigos e que deve ser questionada². A censura vem atuando de maneira tão violenta nas últimas décadas que se tornou impossível o desenvolvimento da criatividade no Brasil. Para o professor, tal justificativa deve ser bem explorada para que se verifique até que ponto este fato não está servindo de desculpa para aqueles escritores que se eximiram de cumprir sua tarefa³. De alguns anos para cá, é tal o incentivo que se vem dando aos contos que não se pode esquecer a possibilidade de este gênero estar absorvendo todos os talentos de ficção. Tal explicação, de certa forma, permite certo ânimo, e porque não uma esperança, já que o conto está-se tornando cada vez mais popular.

Outro aspecto discutido por Gramsci diz respeito à desarticulação do intelectual com as camadas populares e este problema relaciona-se mais diretamente à nossa experiência, não sendo necessário sequer prosseguir aqui com essa reflexão.

Embora Gramsci não tenha referido ao ensino da literatura, de maneira específica (o fez com relação ao trabalho de crítica e análise) colocar a questão relativa a esta situação no atual sistema educacional, só vem confirmar a inexistência do vínculo que deve existir entre literatura e realidade nacional, inclusive a nível de consciência deste engajamento e sua apreciação da obra literária é feita ainda segundo os modelos e padrões franceses, o que gera uma alienação total e impede o acesso à realidade brasileira, via texto.

Se a popularização do conto é um fato em nosso país, posso testemunhar que não é esse material que chega ao nosso aluno. Este está condenado a refazer todos os anos, a história da literatura brasileira, através de seus grandes nomes e aprender a classificar tais e tais gêneros para neles enquadrar este ou aquele autor. É possível ?

ANTONIO GRAMSCI
CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968

Antonio Gramsci, vítima do fascismo, passou parte de sua vida na prisão, onde redigiu as melhores obras, desenvolvendo nelas seus principais conceitos como bloco histórico, hegemonia etc. Faz uma análise dos processos históricos sociais, da formação dos intelectuais, do Estado unitário italiano, visto que a constante parece ser o problema da hegemonia na situação especificamente italiana.

Gramsci, parte da afirmação de que todos os homens são filósofos, pois a filosofia é espontânea e peculiar a todo o mundo. Ela se expressa pela própria linguagem, pela religião e pelo senso comum. Cada um, pelo simples fato de que fala tem a sua concepção de mundo, mesmo de maneira não consciente, acrítica, já que a linguagem é sempre uma forma de concepção do mundo. Gramsci diz: "todos os homens são intelectuais, o que nem todos tem, numa sociedade de classes, são funções intelectuais"⁶.

Para o autor, a filosofia da **práxis** (materialismo histórico) se apresenta como crítica do "senso comum". A política assegura a relação entre filosofia superior e senso comum, e a Igreja a relação entre o catolicismo dos intelectuais e dos "simpplórios". A filosofia da práxis busca conduzir os "simpplórios" a uma concepção de vida superior levando-os a um progresso intelectual de massa. A primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência é a consciência de que faz parte de determinada força hegemônica, onde teoria e prática se unificam.

Uma análise do desenvolvimento da religião cristã revela o fato de a concepção mecanicista ter sido uma religião de subalternos, fornecendo os quadros gerais para a atividade prática real.

No entanto, a atitude da filosofia da práxis não pode ser confundida com a do catolicismo. Enquanto aquela tende a elevar continuamente novos extratos de massa a uma vida cultural superior, tende esta a manter um contato puramente mecânico, baseado sobre a liturgia e o culto mais vistoso e sugestivo para as grandes massas.

Quando colocamos a filosofia como concepção de mundo, a questão da linguagem deve ser colocada em primeiro plano. O trabalho filosófico é concebido, sobretudo, como luta cultural para transformar a mentalidade popular e divulgar inovações filosóficas que se revelam "historicamente verdadeiras".

Diz Marx: "a essência do homem é o conjunto de suas relações sociais"⁷, portanto não devemos dizer que o que se reproduz é "a minha experiência individual", pois o que se reproduz é a experiência de homens vivendo numa sociedade capitalista. É possível dizer que o homem é essencialmente "político", pois o homem deve ser concebido como, um bloco histórico de elementos subjetivos e individuais e de elementos de massa — objetivos e materiais — com os quais o indivíduo está em relação ativa.

Gramsci observa que os intelectuais estão no conjunto das forças produtivas, na estrutura social, pela sua situação objetiva; mas quanto a suas funções objetivas, estão na superestrutura. Procurando explicar esta contradição Gramsci desenvolveu o conceito de bloco histórico, dizendo que "a estrutura e a superestrutura for-

mam um bloco histórico, isto é, o conjunto complexo — contraditório e discordante — das superestruturas é o reflexo do conjunto das relações sociais de produção”³.

Todas as filosofias que existiram até hoje foram as manifestações das íntimas contradições que dilaceraram a sociedade. Todo filósofo está, e não poderia deixar de estar, convencido de expressar a unidade do espírito humano, isto é, a unidade da história e da natureza. Se tal convicção não existisse os homens não criariam uma nova história e as filosofias não poderiam transformar-se em ideologias.

Sendo assim, a tarefa básica de camada intelectual numa sociedade de classes é soldar a hegemonia ético-política da classe dominante. Isto porque, se de um lado existe uma camada social emergente economicamente, por outro existe uma camada intelectual que produz idéias coerentes com as necessidades. É este encontro orgânico de interesses que possibilita exatamente a produção de idéias e o estabelecimento da hegemonia ético-política da classe dominante.

O elemento popular sente mas nem sempre compreende ou sabe; o intelectual sabe, mas nem sempre compreende, ou muito menos sente. O erro do intelectual é acreditar que possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir as paixões elementares do povo.

Se a relação entre intelectuais e povo-nação, entre dirigentes e dirigidos, governantes e governados se estabelece graças a uma adesão orgânica, só então ocorre a troca de elementos individuais entre dirigentes e dirigidos, realiza-se a vida em conjunto, cria-se o bloco histórico.

Gramsci afirma que a ciência é uma superestrutura, uma ideologia. Além disso, não obstante todos os esforços dos cientistas a ciência jamais se apresenta como nua noção objetiva (questão da neutralidade científica), ela aparece sempre revestida de ideologia e, concretamente, a ciência é a união do fato objetivo com uma hipótese ou sistema de hipóteses que superam o mero fato objetivo. Diz ainda: “a superstição científica leva consigo ilusões tão ridículas e concepções tão infantis que a própria superstição religiosa termina enobrecida”⁴. O progresso científico faz surgir a crença de que as forças da natureza, darão à sociedade, através dos mecanismos os mais perfeitos, tudo o necessário para a satisfação de suas necessidades, excluindo a intervenção do esforço humano. Porém, é necessário combater esse fanatismo e os perigos que ele acarreta, fornecendo um melhor conhecimento das noções científicas essenciais, através dos próprios cientistas e estudiosos que mereçam crédito.

A “arte de operar com os conceitos não é algo inato ou dado na consciência comum, mas é um trabalho técnico do pensamento, que tem uma longa história, tanto quanto a investigação experimental das ciências naturais”⁵.

Para aprofundar essa questão é necessário cautela, pois a imagem de instrumento técnico pode induzir a erro. Existe mais identidade entre técnica e pensamento em ato do que nas ciências experimentais, entre instrumentos materiais e ciência propriamente dita. É na dose de “criticismo” e de “historicismo”, contidas em todas as formas de pensamento, que reside o problema.

Gramsci afirma que convém ver na filosofia de Benedetto Croce o problema ou a série de problemas que mais interessam no momento dado, ou seja, o da historiografia, o da filosofia da prática, da ciência política, da ética.

A atividade de Croce que se apresenta essencialmente como crítica, começa por destruir uma série de preconceitos tradicionais. Deve-se estabelecer que o pensamento historiográfico de Croce representa uma reação ao economicismo e ao me-

canismo fatalista, embora se apresente como superação destrutiva da filosofia da práxis.

O pensamento de Croce deve ser considerado valor instrumental. No julgamento do seu pensamento vale o critério, segundo o qual, uma corrente filosófica deve ser criticada e valorizada pelo que realmente é, e se manifesta nas obras históricas concretas. Pode-se dizer que Croce chamou a atenção para a importância dos fatos da cultura e do pensamento no desenvolvimento da história, para a função dos intelectuais na vida orgânica da sociedade civil e do Estado, para o momento da hegemonia e do consenso como forma necessária do bloco histórico concreto.

A colocação que Croce faz da ciência política deve ser criticada, pois segundo ele, "a política é a expressão da paixão". Isso pode ser explicado pelo fato de que Croce se interessou pela ação política das classes subalternas, que realmente confundem política com paixão. Esse conceito croceano só pode ser justificado mediante o conceito de luta permanente para o qual a iniciativa é sempre apaixonada. Pode-se dizer, portanto, que para Croce, o termo paixão é um pseudônimo de luta de classe.

Embora o livro "Concepção dialética da história" não aborde um tema seqüenciado, seu grande mérito está na riqueza de informações que ele condensa. Através de Gramsci se pode melhor entender a realidade italiana e o emprego que têm os conceitos por ele desenvolvidos aplicados a outras realidades. A análise sobre a filosofia da práxis parece ser o ponto central de sua obra, como também o de hegemonia, ou melhor, a questão da hegemonia do proletariado na Itália. Embora ele tenha exercido um papel preponderante na vida nacional italiana, os resultados de suas pesquisas estão obtendo um interesse bem mais geral.

Concluindo: Não existem verdades eternas, dadas para sempre; mas somente verdades que se concretizam na história¹.

BIBLIOGRAFIA

1. BARROS, Jefferson — **Função dos intelectuais numa sociedade de classes**. Porto Alegre, Editora Movimento, 1977, p. 18.
2. GRAMSCI, Antonio — **Concepção Dialética da História**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
3. Idem, p. 52.
4. Idem, p. 71.
5. Idem, p. 75. Citação de: Croce, Benedetto — in **Materialismo Storico ed Economia Marxista**, 1921, IV, p. 31.
6. GRAMSCI, Antonio — **Los intelectuales Y la Organización de la Cultura**, Editorial Lautaro, Buenos Aires, 1960, p. 14.
7. MARX, Karl — **La Ideologia Alemana**, Montivideo, Ediciones Pueblos Unidos, 1959, p. 635.

Ana Maria Faccioli de Camargo
Universidade Estadual de Campinas